



Maria Luíza, a apresentadora do PFL



Paulo Xavier sem óculos

Inexperiência rende anedotário

LUCIO VAZ
Do Eleições-86

A má qualidade da propaganda eleitoral gratuita — mais pelos candidatos do que pelas produções — foi um fato incontestável, capaz de superar até mesmo o mau gosto da global novela das oito, onde o herói é uma espécie de Múcio Athayde arrependido. Os brasileiros tiveram uma noite mais agradável, ontem. Mas o mais incrível é que foi para o ar apenas aquilo que ficou "bom", na opinião dos candidatos e seus assessores, evidentemente. Se os telespectadores tivessem acesso às gafes e acontecimentos pitorescos registrados durante as gravações dos programas, certamente morreriam de rir. Os produtores procuram esconder estas histórias, por uma questão ética, mas a verdade é que elas não representam um desabono aos candidatos. São frutos da inexperiência de quase todos eles no contato com as câmeras. Compreendendo o espírito da coisa, alguns cinegrafistas, editores e assistentes de estúdio entregam boas histórias.

É verdade que alguns candidatos demonstraram um bom entrosamento com as câmeras e os estúdios de televisão. Este foi o caso do candidato a deputado federal Marco Antônio Campanella (PMDB). Parecia um repórter de TV falando. Mas nem ele escapou dos tropeços, até porque costumava falar de improviso. No último programa que foi ao ar, ele comentava sobre as suas andanças pelo Distrito Federal, quando esbarrou na seguinte frase: "Ao longo desta campanha, percorri quase todas as cidades-satélites..." Logo interrompeu a declaração, fazendo uma pequena correção: "Opa, quase todas não pode. Percorri todas as cidades-satélites".

Pompeu de Sousa também fez das suas. Na gravação de uma externa, num play-ground, subiu num daqueles puleiros de metal, atrás de um grupo de crianças. "Corta, corta", gritaram os assessores, apavorados com a insólita cena. Nas gravações internas, ele demonstrava muita irritação. Ao preparar um progra-

ma destinado aos professores, não conseguiu concluir o texto no tempo certo. Faltando alguns segundos para esgotar o tempo, o assistente de estúdio começou a fazer sinais para o candidato, tirando a sua concentração. Ele não resistiu e desabafou: "Meu filho, não fica fazendo gatimônias". O assistente foi procurar o significado da palavra no dicionário.

DESCONTRAÇÃO NECESSÁRIA

As gafes aconteceram praticamente em todos os partidos. As vezes, eram até voluntárias, para descontrair mais o ambiente de gravação, como comenta um dos proprietários da Apoio Vídeo, Ailton Maia: "A maioria tem dificuldades. Afinal, eles não são profissionais de televisão. Então, eram necessárias estas brincadeiras iniciais". Difícil é detectar até onde vai a brincadeira.

O candidato Paulo Sarkis (PL), por exemplo, fez uma brincadeira tanto estranha, quando lia o seguinte texto: "Defendemos o surgimento de novas lideranças comunitárias, como forma de reduzir os espaços entre os interesses do Estado e a realidade dos diversos segmentos sociais". Mal terminou o texto, olhou para o lado e comentou com o produtor: "Vão até acreditar".

Um companheiro de partido, Antonio Gomes, não esquecia de fazer exercícios vocais antes de começar o discurso, sem saber que estes exercícios não trazem resultados quando não são praticados continuamente. Este período de preparação para a gravação registrou episódios bastante pitorescos. Outro candidato do PL, Silvano Bonfim, ficou bastante à vontade com a maquiagem feita pelo assistente. "Sabe que a mão dele é leve mesmo. Foi a mão mais leve que já passou por aqui", comentou o candidato. Claudino Ramos também gostou dos afagos, comentando: "Rapaz, isto aqui tá perfumado".

Mas o candidato Paulo Xavier (PFL) não gostou nada da maquiagem. Quando viu a assistente com o material na mão, perguntou, bastante assustado: "O quê, vai me maquiar?" A assistente

respondeu com naturalidade: "Mas todos se maquam". Mais calmo, ele explicou: "Estou com medo de falar fino, depois. O

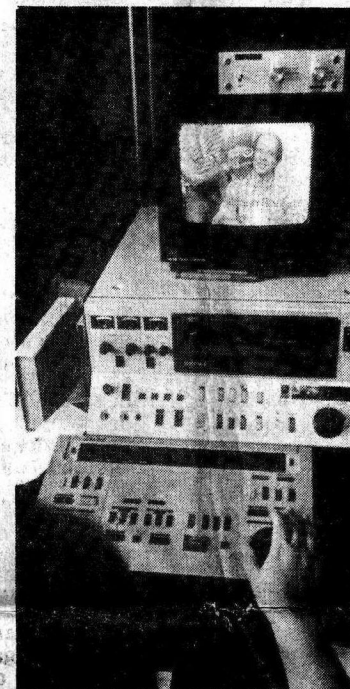


Alguns se saem mais descontraídos do que parecem: é o caso de Claudino Ramos. Silvano Bonfim não conseguiu escapar da maquiagem

Oscor começou a falar fino depois que começou a se maquiar. Se os meus eleitores souberem de um negócio destes, estou lascado". Mas Xavier logo se adaptou à nova prática: "Sabe que estou quase acostumado com este negócio". E a maquiagem não havia começado nem há cinco minutos.

Alguns dos candidatos demonstravam total descontração, como Galileu Marrara (PDC). Depois de ler um texto com voz bastante grave, olhou para o câmera e comentou: "Bonecas, engrossai a voz só para fazer inveja ao Rosalvo (secretário do partido)". Edrovano Gutierrez descontraía o ambiente contando piadas de gaúchos. Contou até aquela do gaúcho de chapéu de aba larga. "Isto é bom que até cachorro gosta", brincou o candidato, num sotaque forçado.

José Ornellas (PL) também não escapou das trapalhadas. Num determinado programa, ele lia um texto com muita determinação. De repente, parou e apontou para a câmera, dizendo: "Aquele eleitor ali está me atrapa-



lhando". Todos procuraram o tal eleitor, mas ele falava da palavra eleitor, que estava mal escrita, num cartaz colocado ao lado da câmera.

Nem a apresentadora do programa do PFL, Maria Luíza, escapou das brincadeiras no estúdio. No último dia de gravação, ela estava "com toda a corda", como comentavam os companheiros. Começou lendo o texto de despedida com muita seriedade: "Eleitor, hoje é o último dia da propaganda eleitoral gratuita...". Mas logo começou a rir, comentando: "Pois é, a gente tem que receber este dinheiro que está atrasado. Eles têm que pagar. Se não pagarem, a nossa vingança será maligna".

Recomeçou o texto, já recuperada do acesso de riso: "...hoje é o último dia da propaganda eleitoral gratuita". Mas não resistiu, novamente: "Pois é, vai acabar esta mamata para a gente, mas esta cascata também vai acabar. Não sei o que vou fazer agora. Temos que arrumar um empregui- nho com este pessoal que vai se eleger".

NO AR

É evidente que as falhas dos candidatos não foram para o ar. Os telespectadores assistiram a um produto bem acabado em termos técnicos, embora com um conteúdo pobre. Mas houve exceções. A produtora do PCB, Ana Maria Almeida, por exemplo, colocou no ar erros dos dois candidatos do partido, Augusto Carvalho e Carlos Alberto Torres. Depois do erro, apareciam dois bonequinhos rindo e brincando com os candidatos: "Ele errou, corta, corta". Eles riam um pouco e repetiam o texto.

A propaganda do PCB, aliás, foi marcada pela descontração, assim como aconteceu com o PT. O objetivo era apagar a imagem sisuda do "Partidão", embora nem sempre isto fosse fácil. Mas algumas das falhas não foram ao ar. A gravação com Oscar Niemeyer, por exemplo, resultou em muitas gafes. O mais estranho foi quando ele confundiu-se com o nome dos candidatos, chamando o candidato ao Senado simplesmente de Alberto. Depois, talvez lembrando o antigo nome do partido, chamou o PCB de Partido Comunista do Brasil. Mas logo botou a mão na cabeça e refez a frase.

No último dia de gravação, aconteceu outro fato pitoresco. Colocado lado a lado com Augusto Carvalho, Carlos Alberto ficou quase um palmo mais baixo. A produtora não teve dúvidas: colocou o candidato ao Senado em cima de uma pedra. E ele ainda teve que ouvir uma piada: "Você cresceu nestas eleições, hein Carlos Alberto?".

Mas uma das passagens mais pitorescas desta campanha eleitoral foi apresentada no horário gratuito propositalmente pelo candidato. Aconteceu com Pompeu de Sousa. Numa rápida visita a uma escola, ele aproximou-se de uma menina e comentou: "Hoje, vim só fazer uma visita. Outro dia trago o governador". A sua preocupação naquele momento era com o péssimo estado da rede escolar do Distrito Federal. Mas a menina também tinha esta preocupação. Olhou para o secretário de Educação e disse: "Melhor que trouxesse água e luz".